

Vivendo fora d'água: A influência do peso no tempo de sobrevivência de *Atlantirivulus santensis*. (Cyprinodontiformes: Rivulidae) durante exposição ao ar.

Santana Oliveira¹
Rafael Mendonça Duarte²

RESUMO

Uma das características mais marcantes de diversos peixes da família Rivulidae são suas adaptações comportamentais e fisiológicas para lidar com a hipóxia ambiental. Estudos vêm demonstrando que muitas espécies de Rivulidae apresentam o comportamento de saltar da água em condições hipóxicas e se expor ao ar, baixando o metabolismo e sobrevivendo por longos períodos fora da água. Esse comportamento, e ajustes fisiológicos associados, é conhecido como estilo de vida “anfíbio” (*Amphibious lifestyle*) e está relacionado à um alto nível de complexidade adaptativa. A espécie *Atlantirivulus santensis*, espécie endêmica do litoral sul do estado de São Paulo, apresenta esse estilo de vida, e evidências apontam para estratégias peculiares durante a emersão. Nesse estudo nós objetivamos avaliar a influência da massa corpórea sobre o tempo de sobrevivência de *A. santensis* durante a exposição a ar. Para tanto, os peixes foram coletados na bacia do Rio Preto, em Itanhaém – SP, e aclimatados em laboratório com condições abióticas similares à encontrada no local de coleta. Após isso, os animais foram transferidos para câmaras úmidas individualizadas, onde os animais ficaram expostos ao ar por 7 dias (180 h). Ao final do teste os peixes foram pesados (g) e a relação com o tempo de sobrevivência à exposição ao ar foi determinado por meio de regressão linear após transformação logarítmica dos dados. Nossos resultados evidenciam uma forte influência do peso no tempo de sobrevivência ao ar ($r^2 = 0,79$; $P < 0,001$), demonstrando que indivíduos com maior peso (acima de 0,5 gramas) apresentam maior tolerância à exposição ao ar.

Palavras-chave: Estilo de vida anfíbio, Tolerância à emersão, Adaptação fisiológica, Mata Atlântica

¹Graduanda do Curso de **Ciências Biológicas** do Instituto de Biociências Campus Litoral Paulista da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” - SP, santana.oliveira19@unesp.br;

²Laboratório de Ecofisiologia e Toxicologia Aquática – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, r.duarte@unesp.br;

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº2023/16949-1.